



Porta lateral da Igreja de Villa Boa de Quires (Concelho de Marco de Canavezes)

PROPRIETARIO

*Joaquim Antonio Pereira Villela;*

DIRECTOR

*Dr. Francisco de Souza Gomes Veloso.*

ADMINISTRADOR E EDITOR

*Clemente de Campos A. Peixoto.*

### Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA  
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias — Um anno, 2\$400.  
Semestre, 1\$200. Trimestre, 600 rs.  
Na cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador  
acresce o importe das despesas.

Extranjeiro — Um anno, 3\$000.

Numero avulso, 60 reis



# Ornamentos da Casa Estrella

Offiçinas d'Escultura e Talha Religiosa, em madeira, marfim e massa

Fundada em 1874



Peçam  
o nosso  
catálogo  
ilustrado  
com 143  
gravuras,  
que se  
enviam  
gratis.

— PORTO —

Rua do Bomjardim,

— 85 a 89 —

Rua do Santo Antonio

— 59 63 —



Aos nossos  
trabalhos  
foram  
concedidos  
os mais  
altos pre-  
mios nas  
Expos-  
ções In-  
dustriaes  
Portugue-  
zas de 1887  
e 1897.

— GUARDA —

Representante  
depositarie  
CASA SUCENA  
Rua Heliodoro Salgado



Specimen d'uma esculptura em madeira executada nas nossas officinas

Deposito de imagens, oratorios, castiçaes, jarras, ramos, custodias, relicarios, calice pexides, galhetas, caixas para hostias, campainhas, carilhões de campainhas, turibulos e navetas, cruzes processionaes, cirios, lanternas, estantes para missaes, livros de missa, lampadas, lustres e todos os mais aprestes do Culto Divino.

A CASA ESTRELLA e a fornecedora das principaes obras con-  
generos no contraporto, e a que mais Igrejas fornece no Con-  
tinento, Ilhas, Brazil, etc ...





# ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Yellose

EDITOR E ADMINISTRADOR  
Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 10 de junho de 1916

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
Não se restituem os originaes

Numero 154—Anno III



Cardeal Francisco Nava

(Phot. de Cav. C. Felici)





## De lés a lés

N'ESTE fim de semana occupou as atenções publicas a primeira batalha naval da guerra europea. Na quinta feira da Ascensão pela manhã, já ondas e ondas de gente vinham bater com os olhos nos placards do sr. Carqueja. As noticias eram confusas e um meu amigo de nacionalidade ingleza, typo fortemente britannico, e felizmente para mim e para elle um catholico convicto e grande admirador do grande Newman, logo me segredou, n'um francez mascavado entre dentes:—E' desastre!

Horas depois trouxe elle do consulado inglez a confirmação do seu commentario, que lhe arrancava da alma ciosa de saxão estes resaiibos de despeito:—*L'Angleterre vaincue en mer! c'est tres fort!*... E era forte, na verdade, mas era... verdade. D'esta vez não se repetiu o bluff d'aquella grande batalha naval do mar do Norte, forjado pelo facêto bom humor d'um janota de Vigo que logo o espalhou por todo o mundo em radio-telegrammas.

Não sei como estará a estas horas o egregio governador civil e curador dos orphãos que depois do 14 de maio, n'um banquete offerido a Leotte do Rêgo no Palacio da Bolsa, brindou calorosamente á saude da marinha naval do seu paiz. Dado porém, que excitado se encontre, aprenda na serena fleuma dos inglezes a sorrir levemente para as consequências do desastre e console-se com a lembrança de que o livreiro seu substituto não diria melhor em outro brinde os sentimentos de gratidão dos democraticos á marinagem que bombardeou Lisboa no 14 de maio. Cada qual dá o que tem; e o 14 de maio, abstrahindo mesmo das influencias externas que lhe dêram alento, tudo lhes mercede como vem de ser demonstrado novamente no livro relatorio do sr. dr. Manoel d'Arriaga.

O primeiro presidente da Republica estendeu n'essas 300 e tantas paginas o rol dos seus queixumes. Psychologica e politicamente isto não valeria a pena registrar-se, se como lardo e fundamento das lamentações algo enfadadas, o auctor do relatorio não desenrolasse tambem uma série de documentos preciosos para a historia dos primeiros cinco annos do regimen e da nossa intervenção na guerra, levada a cabo, segundo a declaração expressa do sr. Affonso Costa, por ser util á Republica e nada mais.

E' mui provavel que o mesmo criterio presida agora ás campanhas radicaes contra o restabelecimento dos capellães militares no exercito portuguez, reclamado *una voce* por todos os catholicos. E' mui provavel. Os fanaticos da Liberdade não a admittem a ninguem que se

lhes affigure arredado dos conluios das rubicundas seitas, e aquillo que na França, na Italia e na mesma Inglaterra representou apenas o cumprimento humanissimo de um dever de respeito pelas crenças de cada um dos sacrificados pela Patria, é agora entre nós, para a malta anti clerical e soberana, syntheticamente um *manejo da reacção, do clericame e bispalhada*, segundo a terminologia d'uma folha do Porto, sem favor a primeira em demagogia e em insulto, primorosamente manejados por um anti-go teixeirista que só emparceirou co's democraticos depois de se certificar que as incursões não davam mais lucros que os impostos. A assistencia religiosa no exercito nem seria de discutir-se n'um paiz com plena posse de si mesmo, nitida comprehensão da hora presente e do seu papel como potencia. Ella pertence ao numero dos axiomas para todo e qualquer homem do Estado que não haja deslocado a cabeça, —tamanho horror causa pensar que á hora da morte é negado em nome da politica, o conforto unico dos heroes do patriotismo e da fé, cahidos sob o chuveiro da metralha ou das granadas, expirando sem uma palavra de esperanza, e logo enterrados como cães, corpos inuteis, cartuchos gastos, a simples carne de canhão.

Graças a Deus se está verificando que no seo e grande massa dos soldados a luz da fé que vasquejava, rutila mais vivida e formosa. Em Tancos e em Mafra as egrejas estão cheias de recrutas, e entre os mobilisados já figuram bastantes sacerdotes. A incerteza do dia da partida, a ignorancia da direcção que tomam, accelera o fervor dos batalhões arriscados. Para onde se vae? Sabe-se lá! Quando se parte? Qualquer dia! E quando a vida não decorre plácida nos seus cursos normaes, quando n'um momento tudo pôde desabar e aniquillar-se do que construímos sobre a terra a poder de abnegação e árduo esforço, então maior e mais presente á alma e ao espirito de todos se offerce o quadro da fragilidade e do nada humano perante os secretos designios da Providencia, e todos procuram haurir da fé a grande força dos sacrificios e respirar em Deus os derradeiros haustos da vida a immolar ou immolada.

E' por isto que eu reputo absolutamente essencial e inadiavel que a voz do povo crente cada vez a mais alto se élève na reclamação da assistencia religiosa no exercito, composto de filhos seus. A menos que queiramos morrer ingloriamente, como desconhecidas victimas d'uma ideia que não tem sequazes na nossa historia, e cujo nome nem sequer figura nos epitaphios das sepulturas.

F. V.



# VIDA INTENSA

POR J. DE FARIA MACHADO.

## Um doído



A tempos a policia de Paris, prendeu, perto da Opera, um pobre louco vestido de brocado e embrulhado n'um manto theatral, que dormia tranquillamente no passeio, tendo ao lado um sceptro doirado e uma corôa crivada de pedras falsas. Ao vêr a policia, o pobre louco cahiu de joelhos e gritou n'uma supplica:

— «Não, não quero voltar. Fugi do meu reino longinquo, porque suffocava, porque me não deixavam viver» — e entrou n'uma crise assustadora. — «Não, não quero ser Rei!...»

A sua fuga é uma odyssea e o que esse homem soffreu — atravez da sua phantasia de louco — para se libertar do peso d'uma corôa, é engenhoso, é tragico, é sublime.

N'uma noite de festa, quando os jardins do seu palacio estavam cheios de gente, no meio da sua côrte e das suas cem mulheres coroadas de perolas e de flores, seguido dos seus Ministros, dos seus aulicos, dos seus ajudantes, o Rei desceu solemne a escadaria illuminada. Em baixo, sobre as palmeiras, gottas luminosas d'electricidade, coruscavam como gemmas, mordendo o verde carnosu das folhas; nas aleas areadas a côres, em arabescos de mosaico, scintillavam luzes polychromas e nos tanques de marmore rosa, onde boiavam cysnes e as pombas vinham beber, a agua jorrava colorida em reverberos electricos tambem. Celebrava-se o centesimo anniversario da sua dynastia,

Accudiram principes, embaixadores e poetas de longes terras, nobres e militares de todo o reino para saudar o Rei feliz e amado do seu povo. Não tinha um unico inimigo o bom do Rei. Quando sahia pelas ruas arborizadas da sua capital magnifica, semeada de palacios e cathedraes, desacompanhado d'honras e d'escolltas, o povo ajoelhava á passagem e saudava-o, humilde e feliz, n'um côro unisono de bençãos e louvores. Soubera sempre perdoar. Para todos tivera palavras de conforto e a ninguém, jámais recusara justiça. Tinha uma riqueza immensa em palacios, florestas, pelles e joias fabulosas. Advinhavam-lhe todos os desejos, realizavam-lhe todos os caprichos, mas o Rei entristecia, fugindo do convivio e das diversões.

N'aquella noite de festa todos se olhavam desconfiados e quando o Rei desceu a escadaria, por entre as allas reverentes dos guardas, ensaiando um sorriso, a multidão rompeu em acclamações. Sorriu de novo. Começaram as

danças. Dezoito bailadeiras hindus, envoltas em tunicas semeadas da joias, representando as dezoito provincias do seu reino, dançaram um pequeno poema, composto expressamente pelo grão-maestro da côrte, deante do throno de marmore, para onde o Rei subira. Vieram depois as mensagens, as saudações, que o monarcha ouviu discreto, o mesmo sorriso cortex a brincar-lhe nos labios, a mesma attitude complacente e bôa. Voltaram as danças e os coros, queimaram-se os primeiros fogos e perante a feeria do momento phantastico de sonho, de visão, de indiscriptivel, a multidão desinteressou-se do Rei e o Rei desapareceu.

N'um vapor ancorado no grande caes, consequiu — a troco d'uma fortuna — occultar-se, e, na manhã seguinte, olhando, pela nesga estreita da escotilha, a confusão da cidade espantada, lacrimosa, á sua procura, ordenou o levante dos ferros.

Partiu, Dias largos, incertos, navegou a travez de temporaes, de calmarias, até um porto d'Italia onde o deixaram.

D'alli, sem uma idéa que não fôsse viver, livre, ancedo da eterna felicidade, errou pelas costas romanticas e banhadas de sol do Adriatico, fazendo a vida simples dos pescadores; correu aldeias, villas, cidades — nomada, extranho, á busca da liberdade — hoje ainda embrulhado no manto como uma mascara tragica, amanhã *condottieri*, cicerone, creado de café, estroina, histrião, rufia. Foi vivendo, ora descendo, ora subindo, a mesma ancia de liberdade a impelli-lo, e enquanto o seu povo o chorava, os seus ministros o procuravam por todos os cantos, elle, Rei sem prole, reinando auzente n'esse paiz distante, foi atravessando o mundo até cahir nas mãos da policia.

E n'aquella noite dormiu na neve o seu primeiro somno feliz.



## ARDINGA



POR EDUARDO DE NORONHA.



BAMEGO era, no seculo XI, uma terra prospera, Submettida ainda ao dominio dos mouros, os seus habitantes mantinham com os seus correligionarios da Peninsula as mais florescentes e remuneradoras ligações. Só muito tempo depois estancaram os productivos manancias, exaustão originada principalmente pela expulsão completa dos mulsumanos das Hespanhas, pelo descobrimento do caminho maritimo da India, e, aci-



ma de tudo, pelo infiltramento gradual mas progressivo, dos tecidos francezes e inglezes que desde meados do seculo XVI estiolaram a industria nacional, estiolamento acelerado pelos impostos onerosissimos que esmagavam os desditosos granadinos e que mal incidiam nos operarios vindos de França, de Inglaterra e da Flandres.

Em Portugal sempre foi assim.

Em 1062 governava Lamego o vali mourisco Al-Boazan. A favorita premiara-lhe os carinhos brindando-o com uma filha, tão formosa como a paisagem do Generalife, tão esvelta como a columnata do Pateo dos Leões na Alhambra. Um dia, n'um torneio, celebrado durante umas treguas entre agarenos e christãos, a moura illustre e bella viu D. Thedon Ramirez.

Este cavalleiro, tambem chamado Theudo ou Thedo, como seu irmão D. Rauzendo, provinha de extirpe illustre. Filhos de D. Hermigio Alboazar Ramirez e D. Dordia Ozorez, contavam na linhagem, com seu avô, o famoso *Cid*, e a sua ascendencia, em ramo proximo, brotava de D. Ramiro II, rei de Leão, que não soubera ou não pudera furtar-se aos encantos de Zahara, linda adepta do Alcorão, convertida por amor ao Evangelho.

A ancestralidade ia produzir os seus efeitos.

D. Theudo e Rauzendo, oriundos da provincia de Entre Douro e Minho, sempre guerreando os proselytos do crescente, atravessaram o Douro, passaram para o sul e invadiram em incessantes fossados a Beira Alta fundando, ao assentar arraiaes,— a actual granja do Tedo. Ainda hoje a tradição conserva bem viva a forma como os dois irmãos e a sua hoste tomaram Paredes da Beira. Esperaram de atalaia, cautelosamente embuscados, que os crentes do Propheta cumprissem as imposições da ablução e se fossem banhar ao rio Tavora. Ahi, desarmados, em trajes paradisiacos, os de Mafoma pouca ou nenhuma resistencia puderam fazer. Os nazarenos facilmente os derrotaram e tomaram a povoação.

Não se pôde emparelhar o acto com as facanhas praticadas pelos cavalleiros da Tavola Redonda, mas a guerra moderna ainda é mais cavilosa e desleal.

\* \* \*

Em que momento o amor frêchou o coração da juvenil e gentilissima moira?

A chronica não o regista.

O que assegura a lenda é que, apesar do fundo barranco aberto pela radical differença de religiões; não obstante o estorvo quasi insuperavel do antagonismo de raças; arcando impavida e energica, não sem tremenda luta intima com os preconceitos e com a ameaça das penas eternas do «el Sakar» ou «Hotana», inferno creado por Mahomet para castigo dos

renegados, a moira entregou toda a sua alma a D. Thedo.

A paixão redobrava dia a dia de força e de avassalamento.

Uma noite em que as estrellas escondiam o seu tremeluzir discreto n'um véo mais denso de nuvens sombrias, peitando uma sua collaça para não fugir sem companhia, abandona a alcáçova paterna e parte em busca do paladino de Jesus Christo que lhe perturbara e conquistara o coração.

Então, no local, ao presente S. Pedro das Aguias, visinho do rio Tavora, erguia-se uma pittoresca e alvissima capellinha, já da invocação do apostolo S. Pedro. O eremitaço que a occupava, Gelazio, gosava da fama de santo em muitas leguas em redor. Para alli se dirigiu a moira. Lançou-se aos pés do pio anachoreta e declarou-lhe a sua condição, de quem provinha, que irreprimivel affecto lhe tumultuava na alma, a sua resoluta e inabalavel vontade de se converter á fé do Crucificado.

Acolheu o virtuoso solitario com bondade e alvoçoço a transviada cordeirinha, que assim buscava, candida e tremula, o abrigo do redil. Ensinou-lhe os preceitos da Escripтура e industriou-a nos seus ineffaveis couidos. Derramou-lhe sobre a fronte pura e formosa a agua do baptismo, chamando-lhe Ardinga, e impiltrou-lhe no peito o fervor do credo prégado na Palestina. Nunca se ajoelhara ante o devoto eremita neophyta de mais facil catechese. A imagem de D. Thedo, sempre presente ao seu espirito, e a promessa do catechista de que o enlace legitimo não se demoraria, auxiliavam e activavam poderosamente a propaganda e instrucção do venerando missionario.

Du dulcissimo sonho acorda-o ao alvorecer formidavel tropel. O vali Al Boazan, pae de Ardinga, seguindo de um brilhante e fero esquadrão surprehende a filha. Inutil se torna o pranto vertido e estereis as supplicas soluçadas. O golpe vibrado na auctoridade paternal e a furia determinada pela apostasia a que a conduzia o carinho por um inimigo filiado n'um culto abominado, seccam-lhe as fontes do perdão.

Os sicarios do vali atiraram, por sua ordem, a desditosa catechumena ao Tavora e as aguas arrefeceram no seu seio aquelle coração que tão ardentemente batera pelo cavalleiro da Cruz.

D. Thedo nunca casou e annos depois morreu n'um recontro junto do rio, que rememora o seu nome.

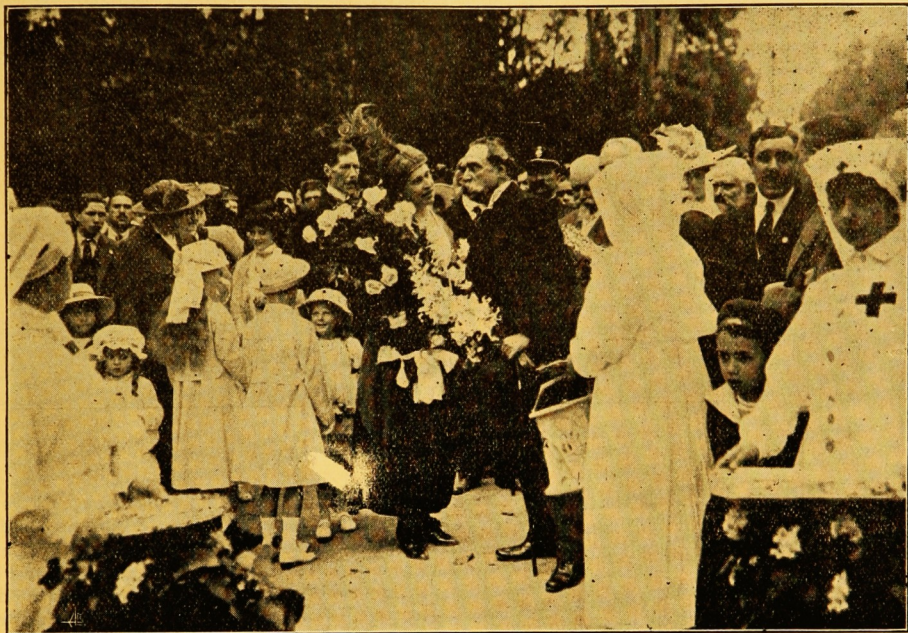


Os que mais declamam contra a arbitrariedade, são quasi sempre os maiores tyrannos, quando alcançam auctoridade.

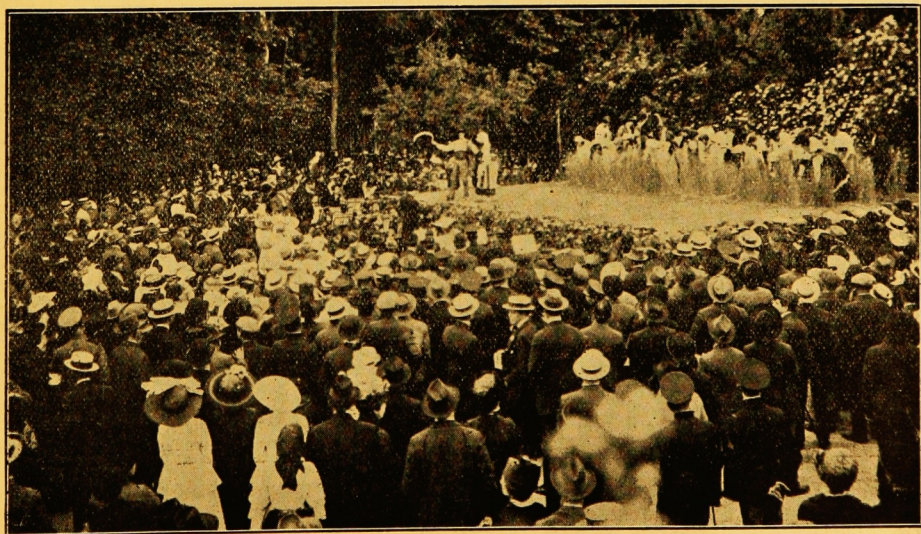


# PORTUGAL

## Lisboa -- Festival da Cruz Vermelha

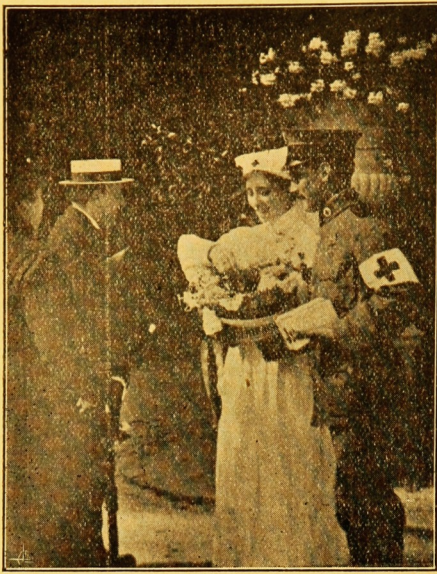


Lisboa—Jardim Zoologico. Festival da Cruz Vermelha. Entrada do Ministro da Inglaterra e esposa



Festival da Cruz Vermelha—Palco com os alumnos da Escola da Arte de Representar





Lisboa—Festival da Cruz Vermelha. Uma dama da Cruz Vermelha



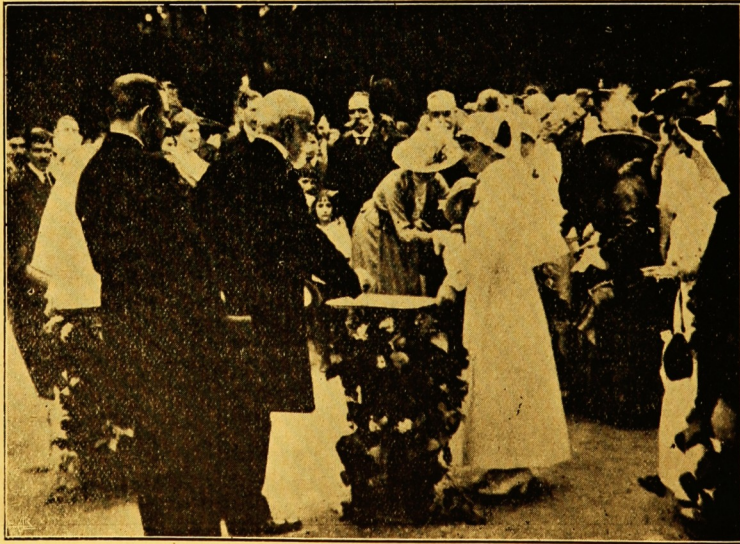
Festival da Cruz Vermelha. Miss Mascarenhas, a directora do Comité Anglo-Belga

### Lisboa—Festival em beneficio da Cruz Vermelha

Esteve muito concorrida esta patriótica festa, realizada ha dias no Jardim Zoologico a favor da Cruz Vermelha.

Assistiram a ella o Snr. presidente da Republica, ministro da Inglaterra, general Joaquim José Machado, presidente da Cruz Vermelha, e grande numero de espectadores.

Foi levada em scena a curiosa peça do Snr. Antonio Correia d'Oliveira o 'Auto do fim do Dia' com a musica do distincto maestro Snr Herminio do Nascimento. A peça, que foi representada pelos alumnos da escola da Arte de Representar de Lisboa, foi muito applaudida pelos espectadores.



Lisboa—Festival da Cruz Vermelha. A entrada do sr. Presidente da Republica







Lisboa—Festival da Cruz Vermelha. Uma  
Criança inglesa vendendo



Jardim Zoologico. Festival da Cruz Vermelha.

## Padre Antonio Vieira



JOÃO de Sousa Pacheco era varão de illustre linhagem. Mais se nobilitara porém, casando com D. Marianna do Canto, filha de Antonio de Faria Maia e de C. Luiza do Canto—Senhora que entre os seus preclaros consanguíneos teve o glorioso Padre João Baptista Machado, da Companhia de Jesus, degolado, a 22 de Maio de 1617, pelos gentios do Japão.

A festividade costumava fazer-se no Convento de Santo André de Religiosas de Santa Clara, mas—e o Padre André Barros diz não saber porquê—naquelle anno celebrou-se no templo do Collegio da Companhia de Jesus.

Não nos parece de grave importancia explicar o porquê da mudança. Entretanto, não seria devida a uma natural gentileza e homenagem de Sousa Pacheco, homenagem que, rendida á Csmpanhia de Jesus, pretenderia penhorar Vieira a quem o esposo de D. Marianna do Canto desejava pedir a honra de prégar na sua festa querida? Certo é que Pacheco pediu essa honra a Vieira, declarando-lhe ser o interprete da ardente vontade de todos os insulares. E o eminente Jesuita accedeu, preparando-se logo para o radioso e valente combate que era sempre todo e qual-quer seu sermão.

O sermão do Padre Vieira sobre Santa Thereza foi, mais do que uma bella maravilha de eloquencia, uma especie de revolução espirital nas almas dos insulares.

A palavra do grande Jesuita illuminou as crenças de todos com claridades novas e fecundas. A fé como que formalista, apathica, apezar da sua bondade, imperava então muito

no formoso archipelago açoriano. Abundavam os catholicos por simples amor ás tradições, que procuravam principalmente uma especie de commodidade espiritual, avessa á meditação profunda de verdades que, bem sentidas, tanto depuram o zelo e angelisam os costumes.

Vieira, penetrando depressa a realidade d'aquelle egoismo colectivo, encontrou na Serafina do Carmello um thema admiravel para os seus queridos combates pela actividade e consciencia das almas.

Biographando menos do que dando a essencia do sublime espirito da Santa, canonisada n'avia pouco—em 1621, por Gregorio XV—o glorioso pregador converteu o panegyrico em lição constante, em pelepas successivas contra a monomania de quasi todos pelas seducções de eloquencia frivola e imaginosa, como por tudo que encanta, e pouco semeia e edifica.

Não nos diz muito o padre André de Barros sobre sermão tão notavel, e mais não adiantam outros biographos.

Contudo, foi esse sermão um dos mais bellos de Vieira pela extraordinaria visão da psychologia de Santa Thereza, e pela genial estrategia com que o grande combatente fez, de virtudes tão raras, unidades de poderosa e fulminante lucta contra os commodismos d'uns, as contradicções d'outros e a ignorancia do christianismo puro de tantos catholicos por simples tradicionalismo, nem sempre honrado pelos actos, pelas obras.

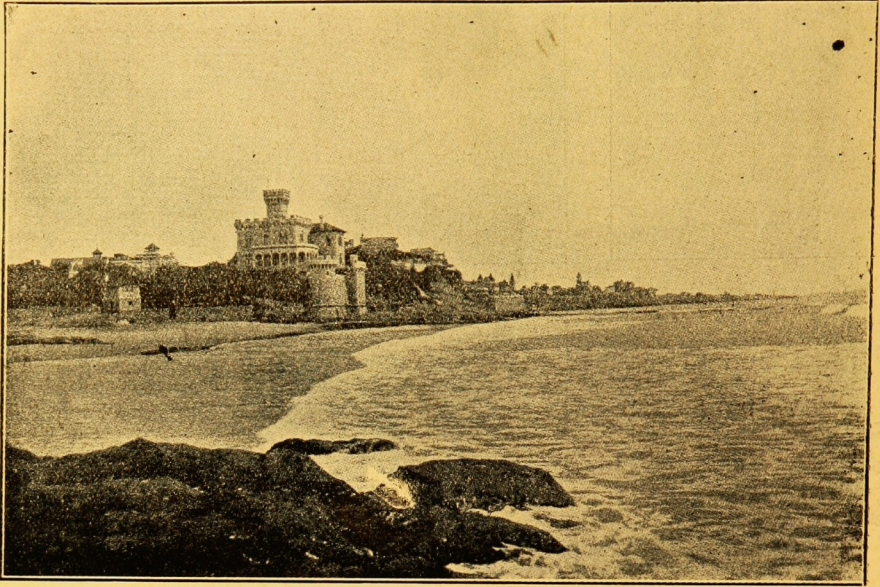
Depois do sermão, quiz Vieira fazer catechese na igreja matriz, e o povo, colhido de admiração, notou que o eminente prégador descia da atté eloquencia á palavra simples e crystallina com tanta unção e belleza, que não era possível decidir quando é que Vieira era mais glorioso, se, ao subir como as águias ou ao derramar doçuras como as pombas.

(Continúa.)

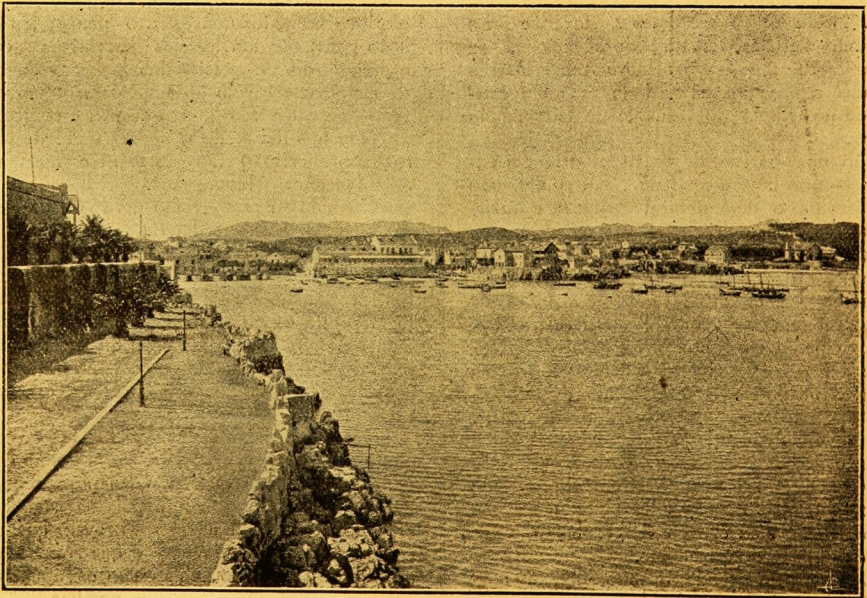
JOSÉ AGOSTINHO



# PRAIAS DE PORTUGAL

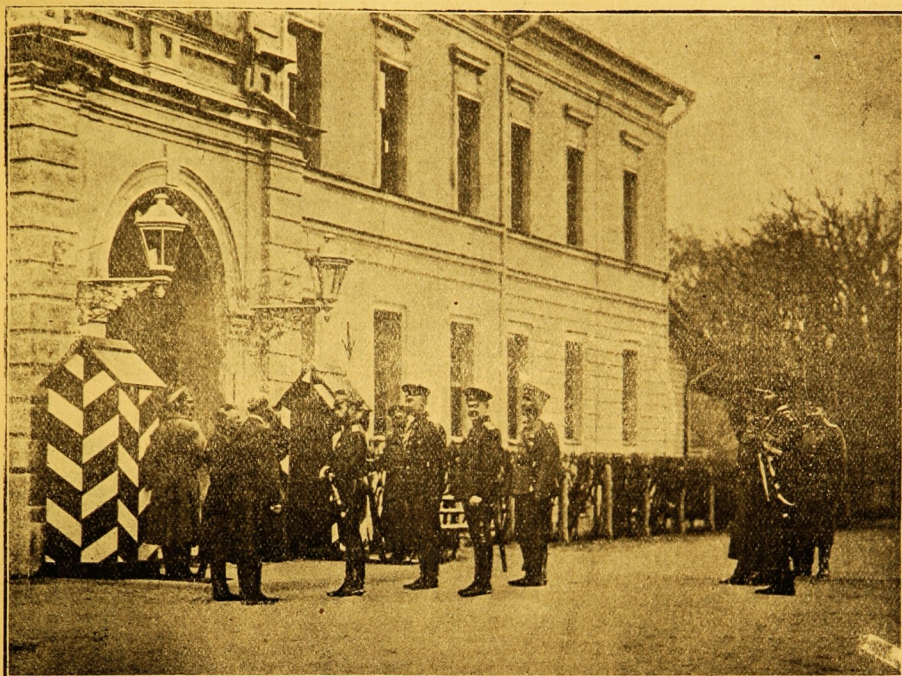


*Praia do Estoril*

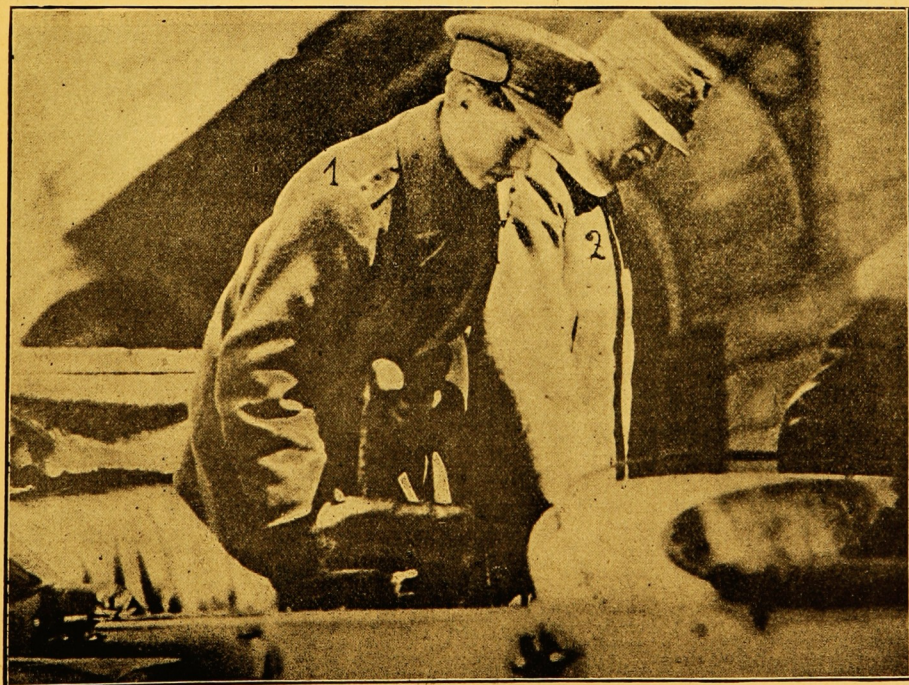


*Cascaes.—Vista geral*





A guerra europeia—O imperador da Rússia na zona de guerra: Sua Magestade fallando com a deputação dos camponeses russos



O principe de Galles na zona de guerra italiana—O principe e o rei de Italia entrando para o automovel depois da visita á linha de fogo





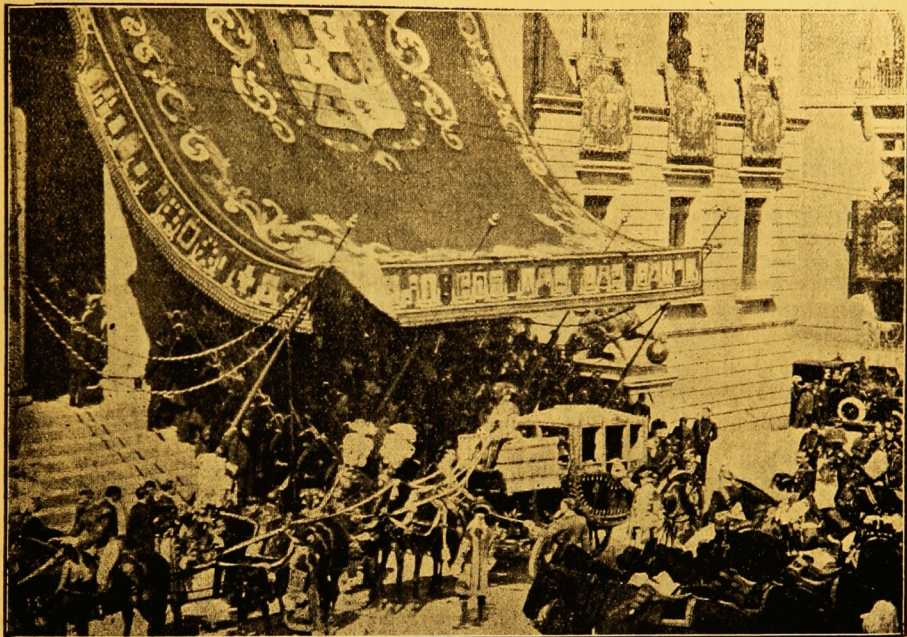
*A guerra europeia—Um acampamento de tropas russas na fronteira da Armenia*



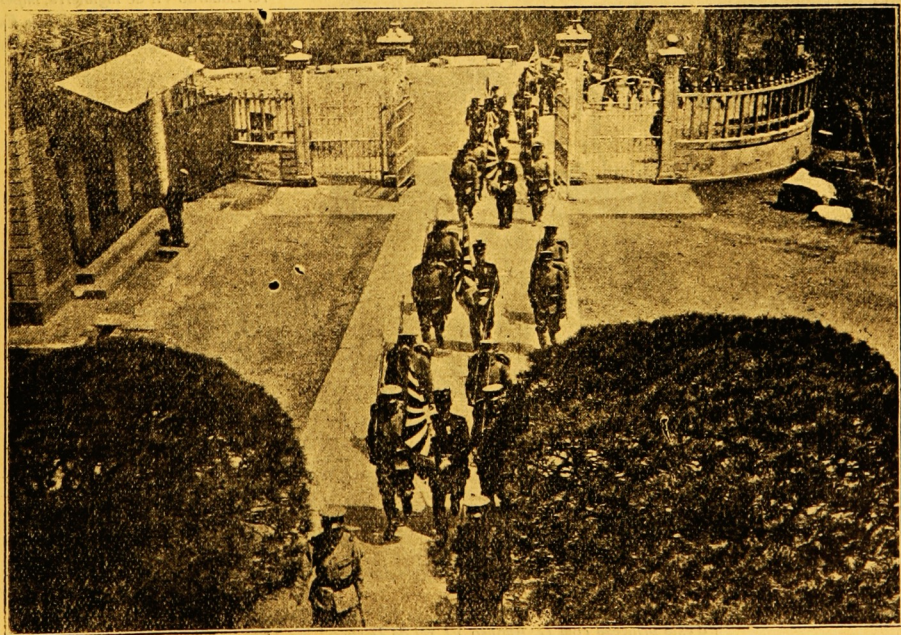
*Um soldado francez atravessando um riacho sobre um novo aparato, proprio para a passagem dos rios*



# Do Nascente ao Poente



*Hespanha—A abertura das côrtes.—Um dos coches reaes esperando os soberanos à porta do Congresso*



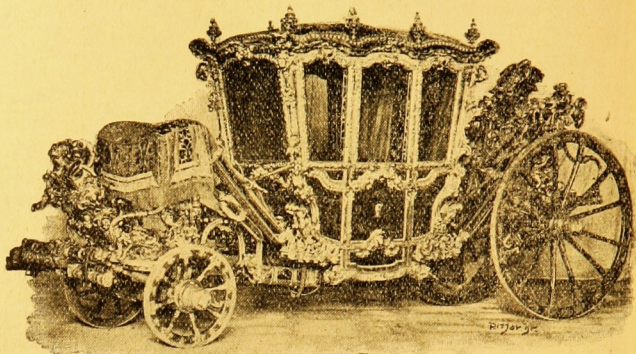
*Japão—As novas bandeiras de alguns regimentos japonezes são levadas à presença do ministro da guerra d'aquella nação*



# PORTUGAL ARTISTICO

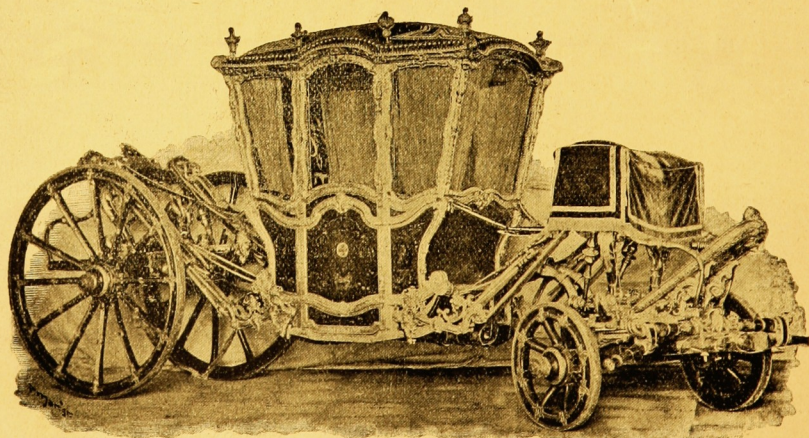
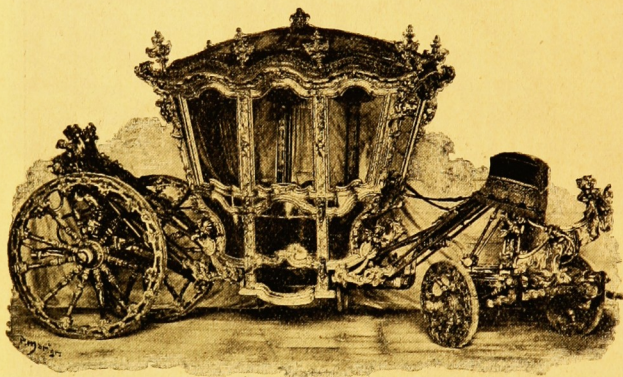
1—Coche de D. Maria Anna  
d'Austria

Mandado fazer na Hungria por D. João I, imperador da Austria, para offerecer a sua irmã D. Maria Anna, por occasião do casamento d'esta princeza com o rei D. João V de Portugal, em 1708.



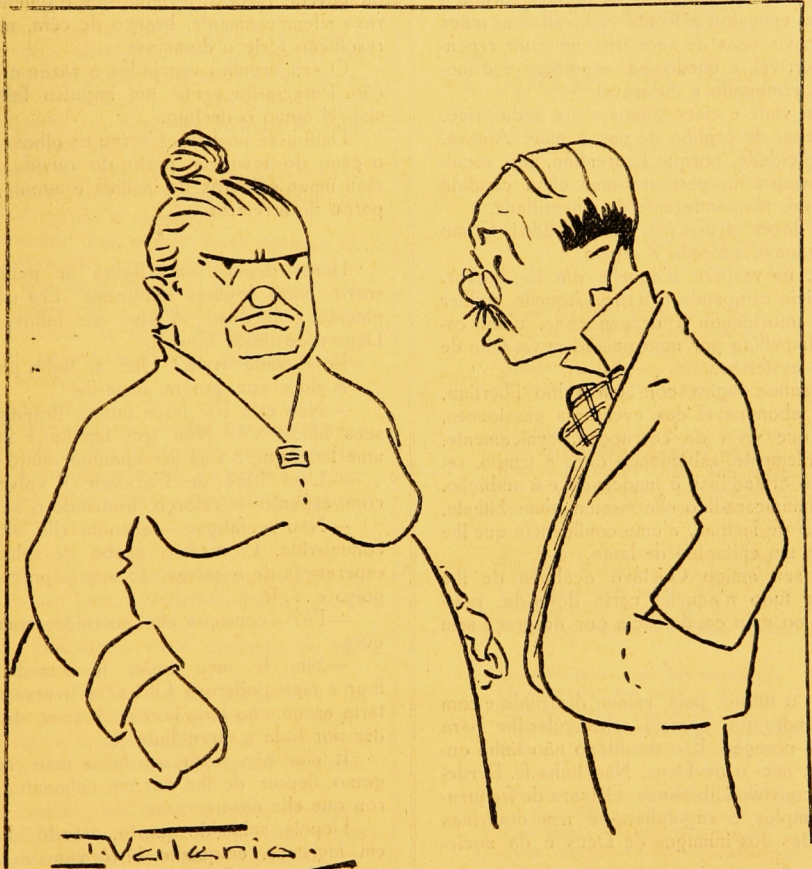
2—Coche de D. João V.

Magnifico coche feito em Portugal, na primeira metade do seculo XVIII. Tomou parte em todos os cortejos de gala, que se realizaram em Lisboa, tendo conduzido o imperador do Brazil, rei Oscar da Suecia, reis de Hespanha, D. Affonso XII e XIII, rei Eduardo VII de Inglaterra, imperador Guilherme II da Allemanha e Emilio Loubet, presidente da Republica Franceza.



3—Coche de D. Maria Francisca de Saboya, offerecido por Luiz XIV, rei de França, por occasião do casamento d'esta princeza com D. Affonso VI, rei de Portugal, em 1576. Os jogos foram substituidos em Lisboa na epocha de D. João V.





Mamã, quando estiver encolerizada não castigue os pequenos.

—Então não poderei castigá-los nunca!...



# Um milagre da Virgem



POR JOSÉ AGOSTINHO.



MARCELLO leu a carta, poisou-a sobre a secretaria, releu-a com os olhos cobertos de lagrimas, e levantou-se, livido, a tomar ar, de tanto sentia o peito opprimido e dilacerado.

Depois, fraquejando-lhe as pernas, tornou a sentar-se, encostou a fronte cadaverica ás mãos tremulas, viscosas de suor frio, um suor repentino e horrivel, e quedou-se, a soluçar e a monologar, esmagado e miseravel.

Tinha vinte e cinco annos e era sadio, rico, feliz, apezar de orphão de pae e mãe. Amava. Outra felicidade, porque Laurentina, tão escultural, sempre lhe parecera uma alma candida e amavel, resplandecente de sinceridade.

Que doces idylls não tinham tido! Como elle se julgava adorado e ditoso!

Mas, na vespera d'aquelle dia de horror, uma noticia estupenda o ferira. Aquella mulher era uma infortunada a despenhar-se, n'um capricho, impellida por uma paixão nova, feita de desvario hystericó.

Laurentina fugira com um velho libertino, veterano abominavel das aventuras passionaes, homem que vivia da corrupção, cynicamente, impenitentemente, esbanjando ouro e tempo, requintando armadilhas á innocencia e á ambição.

Communicara-lh'o ella mesma n'um bilhete, espantoso de lastima, n'uma confidencia que lhe lembrava um epitaphio de lama.

E o seu amigo Gustavo acabava de lhe confirmar tudo n'aquella carta dolorida, pungente como uma condolencia por desgraça sem remedio.

Todo o futuro, pois, estava destruido e com um vilipendio que parecia estrangular-lhe para sempre o coração. E o desditoso não tinha outro amor, nem o de Deus. Não tinha fé. Perderá-a em convívios libertinos. Deixara de frequentar os templos e engolphara-se nas doutrinas dissolventes dos inimigos de Deus e da sociedade.

Vivia para o prazer e no prazer, sem fé e sem caridade, quando o amor de Laurentina o veio melhorar um tanto nos vícios; mas esse amor, que o empolgava como uma tyrannia bem-amada, não lhe dera um só reflexo do Amor Infinito que santifica e torna fecundos todos os amores.

Marcello ria da Igreja e dos seus filhos. Deante da Cruz, desentranhava sarcasmos e blasphemias. Quando as almas piedosas o surprehendiam com preces, que não entendia, o seu escarneo era tão vivo e rispido, que parecia um perverso á espreita de todos os vãos

dos anjos para os cobrir de ignominia e rancor. Porisso, confirmada a grande desgraça, monologou emfim, remexendo n'uma gaveta:

—Tenho um grande recurso, procurar o descanço perpetuo. Não tornarei a ser enganado por mulher nenhuma. Laurentina ha de ficar amarrada á visão do meu corpo ensanguentado-Vivi já muito. Gozei, estou enfasiado do mundo. Se não ha para mim felicidade, que me compete fazer? Evitar mais infelicidades.

E examinou devagar o revolver, que tirou da gaveta. Depois, levantou-lhe o gatilho. Chorava silenciosamente, branco de cera, mas uma resolução forte o dominava.

O seu orgulho vencia-lhe a razão e o coração. Parecia-lhe sentir um impulso fatal, irresistivel como o destino.

Deitou-se no leito. Cerrou os olhos. Apoiou o cano do revolver perto do ouvido. Balbuciou umas palavras de lastima e agonia, e disparou de arremesso.

Horas depois, uma figura de mulher lhe sorriu entre brumas extranhas. Era um rosto placido e piedoso. A sua voz fallava lhe de Deus e de Jesus Christo.

Pois ainda vivia? Que se tinha passado? A doce voz, porém, dizia-lhe:

—Não está só. Jesus nunca desampara os seus filhos. Vê? Não tem familia, e tem aqui uma Irmã que o vem acompanhar muito d'alma.

—Uma Irmã de Caridade?! volveu elle, com espanto e esforço, franzindo o sobrolho.

—Não se fatigue—acudiu ella, simples e commovida. O medico acaba de sahir e tem esperanças de o salvar. O que é preciso é repouso e... fé.

—Fé?—começou elle, sorrindo com amargura.

—Sim, fé, meu irmão, fé, a medicina melhor e mais poderosa. Oh! se a tivesse, não estaria assim, não teria corrido o risco de se perder por toda a eternidade...

E ella não o deixou fallar mais, aconchegou-o depois de lhe dar um calmante, e esperou que elle adormecesse.

Depois, sahio do quarto, orando, banhada em lagrimas, emquanto lá fóra, no azul chieo de sol e paz, floresciaam, cantavam e sorriam os esplendores de Maio, o mez da Virgem e das flôres, o mez das almas e dos astros.

Um dia a Irmã disse a Marcello que entrava em convalescença:

—Queria pedir-lhe um favor...

—Diga, minha boa amiga.

—Eu, e algumas minhas Irmãs, muito desejavamos agradecer em sua casa A'quella que tem sido o seu medico...

—Não entendo.



—A' Virgem, meu irmão. O medico confessa que é um milagre estar salvo de perigo.

—Pois sim . . . agradeçam, como entendem. Respeito a sua simplicidade.

—Muito obrigada, meu irmão.

E Marcello nunca mais ouviu fallar n'aquelle agradecimento. Ainda soffria. A dôr do coração estorvava-lhe ainda muito as melhoras do corpo. Atacavam-no ainda as tentações de procurar de novo o aniquilamento, repellindo-as a custo com uma especie de horror de si mesmo, de alguém que lhe escurecia a alma n'uma confusão indefinível.

Porque Marcello sentia agora dentro de si como que dois individuos—um, sarcástico, dolorido, sceptico, egoista, pedindo a extincção de toda a dôr e piedade, e o outro, tímido mas calmo, a querer luz, bondade, virtude, fé, amor puro, abnegação profunda.

E parecia-lhe que estes dois individuos lutavam, rude e ironico o primeiro, e muito ansioso e enternecido o segundo.

Mas durante dias aquella lucta pareceu extincta, e Marcello ficava abysmado n'uma indifferença que quasi lhe annullava todo o raciocinio, sentimento e vontade. Dormia muito. A febre baixara, as dôres diminuíram, mas a cada passo, palpando-se com rudeza, perguntava a si mesmo:

—Estarei eu vivo? Serei eu?

E mortificava-o não poder dar completa e firme resposta. E um soffrimento novo e desconhecido o avassallava assim, de vezes em quando, fazendo-o chorar sem causa, com desequilibrio vibrante.

\*

Marcello dormira calmo como nunca. O medico achou-o bem, e vaticinou-lhe uma convalescença perfeita.

O dia, lindissimo, viera opulento de aromas, luz e canticos.

Marcello, recostado na sua preguiçosa, lia versos d'um poeta frivolo que sempre o encantara, mas agora achava-o tão banal, que sorria desdenhoso, voltendo olhos ávidos á Natureza em pompa.

E, de repente, um côro mavioso colheu-o na sua indolencia mórbida. Eram vozes puras e tocantes, versos cheios d'alma e poesia.

Levantou-se. Dados os primeiros passos, achou-se forte, como se aquella musica fôsse o fluido da saude perfeita.

Caminhou pé ante pé, a surpreender quem cantava, e no caminho comprehendeu que a musica era prece e alleluia. Sentiu então forças estranhas. Correu mais do que caminhou e, de repente, diante d'um altar modesto em que a Virgem sorria no meio de muitas flores, Marcello ajoelhou, de mãos postas, transfigurado, robusto, salvo, chorando de jubilo e extasis.

E, quando a novena de Maria findou, melódica e enternecida, enchendo de luz do ceu

todas aquellas almas, Marcello disse firmemente á Irmã, que lhe beijava as mãos com alegria:

—Quero sahir, minha Irmã, eu que até hoje me julgava orphão.

E todas comprehenderam e lhe obedeceram.

E pouco depois Marcello confessava-se e commungava, conquistando na Igreja a familia que ha muito perdera e no amor da Virgem o esquecimento de todos os passageiros amores.



## Esposa do Senhor



Disseram-lhe seus discipulos: Se tal é a condição de um homem a respeito de sua mulher, não convem casar-se. Ao que elle respondeu: Nem todos são capazes d'esta resolução, mas sómente aquellas a quem isto foi dado.

(Ev. S. Matheus, XIX, 10,11).

Sê sempre casta assim, gentil Maria,  
Singular e pura bem como uma flor.  
Ao trêdo amor profano renuncia:  
Basta-te ser a Esposa do Senhor.  
Sê sempre casta assim, gentil Maria!

Bendita a que no Cêu entra donzella,  
Sem da lascivia ter libado o mel  
Que ao exgottar-se a faça, deixa n'ella  
Um sabor mais amaro do que o fel.  
Bendita a que no Cêu entra donzella!

Acceita por modelo a Virgem Santa,  
Toma por Mestre o divinal Jesus.  
Cheia de tanta fé, pureza tanta,  
Ha-de irradiar, a tua alma, luz!  
Acceita por madrinha a Virgem Santa!

Essas imagens—symbolos sagrados—  
De santas que tens visto, lá no altar,  
Com sua occulta voz, podem contar  
Toda uma vida austera e sem passados.  
Fallam á alma, os symbolos sagrados!

Não vás nunca banhar-te, oh innocenté,  
No, das paixões, fumuloso mar.  
Maré cheia . . . fortissima a corrente . . .  
Meiga virgem — vê lá! — vaes-te afogar.  
Não vás n'elle banhar-te, oh innocenté!

A alma de crystal, jasmims e rosas  
Que entra branca e sem mancha, lá nos céus,  
D'anjos que a levam junto aos Pés de Deus.  
Bendita a alma de crystal e rosas!

Sê sempre pura e isenta de peccado  
Simple como as hervinhas mais louças,  
Modesta e humilde como a flor do Prado,  
Fresca como o orvalho das manhãs.  
Será por Deus, teu seio, abençoado! . . .

Porto, 9—III—1916.

ANGELO JORGE.



# Anecdotas • historicas

## Ditos • e • pensamentos



Um medico dizia deante de Fontenelle que o café era um veneno que matava lentamente. O sabio, que chegou a centenário, observou-lhe:

—E bem lentamente, meu caro doutor, porque ha oitenta annos que o tomo todos os dias e ainda vivo.

### Pena de morte

Como o imperador Theodozio concedia sempre o perdão a todos os reus condemnados á morte, sua irmã, vendo-o um dia assignar o perdão de tres criminosos, representou-lhe os perigos de tão excessiva clemencia.

—Ah! minha irmã, é-nos facil fazer matar um homem, mas só Deus o pode resuscitar.

### O marechal Bassompierre

Vendo Luiz XIII um piolho na casaca do marechal Bassompierre, chasqueou-o com ruidoso acompanhamento de fidalgos sempre promptos a rir quando os reis riem e a chorar quando elles choram. Bassompierre, sem se mostrar offendido, disse ao rei:

—Senhor, aqui verá V. Magestade que ao seu serviço só se ganham piolhos.

### Todos furtam

Pedro o Grande, Czar da Russia, enfurecia-se á menor contrariedade e eram terriveis os seus impetos. Ouvindo um dia que no seu imperio se praticavam muitos e audaciosos roubos, ordenou ao Procurador da Corôa que mandasse enforcar toda a pessoa que commettesse um furto. O magistrado contrariou em voz submissa:

—Reflicta Vossa Magestade nas consequen-d'este decreto.

—Obedece, trovejou o despota.

Mas o ministro replicou ainda:

—Vossa Magestade quer ser senhor sem escravos, e imperador sem vassallos?! Todos nós, ou notoriamente ou secretamente, furtamos mais ou menos...

O Czar soltou uma gargalhada, festejou o dito e revogou a ordem.

### O café

### Saudando Augusto

Voltando Augusto para Roma depois da batalha de Accio, um artifice apresentou-lhe um corvo a quem ensinara estas palavras:—*Eu vos saudo, Cesar vencedor!* Comprou o corvo por seis mil escudos. Um papagaio fez a Augusto o mesmo lisongeiro cumprimento e foi tambem comprado muito caro.

Vendo um sapateiro a fortuna dos donos d'aquelles passaros quiz tambem ensinar um corvo. Foi um trabalho bem suado, por vezes o sapateiro esteve para desistir e muitas outras dizia desalentado: *Perco o meu tempo e o meu trabalho*. Mas, por fim, o corvo chegou a pronunciar as desejadas palavras. Poz-se o sapateiro no caminho de Augusto, que ouvindo o corvo saudá-lo, disse:

—Tenho muitos d'estes cumprimentos no meu palacio.

E o corvo lembrando-se do que ouvira ao mestre:

—Perdi o meu tempo e o meu trabalho!

Riu muito o imperador e comprou este passaro por mais dinheiro que os outros.

### Frederico e o pagem

Frederico, rei da Prussia, trabalhando uma noite no seu gabinete, chamou o pagem que o servira e como este não accudisse sahiu á camara immediata a inquirir da demora. O pagem dormia profundamente deitado numa poltrona. Frederico ao aproximar-se para o acordar notou-lhe n'um bolso um papel e mordido de curiosidade tirou-lh'o para ler. Era uma carta da mãe a agradecer-lhe o haver repartido com ella do seu salario, concluindo por enviar a benção a quem tão bom filho se mostrava. O rei enrolou um cartucho de ducados na carta da pobre velha e regressando cautelosamente aos seus aposentos, chamou com voz vibrante o pagem. Quando o rei o reprehendia pela demora, encontrou o pagem no bolso os ducados e ajoelhou afflicto:

—Senhor, alguém me quer perder!

Frederico sorriu-lhe benevolamente:

—Deus envia-nos muitas vezes os bens quando dormimos. Manda isso a tua mãe e diz-lhe que desejo ter noticias d'ella.